



RESUMO DOS 120 ANOS DA EEAP

PERCEPÇÕES DA EQUIPE DE ENFERMAGEM SOBRE A PRESENÇA DE FAMILIARES - ACOMPANHANTES DURANTE A PUNÇÃO VENOSA INFANTIL

Roberta Alves Patrício¹, Adriana Teixeira Reis², Andréa de Araujo Fernandes Loureiro³, Elis Billion Vargas⁴,
Benedita Maria Rêgo Deusdará Rodrigues⁵

RESUMO

Objetivos: Descrever a percepção da equipe de enfermagem sobre a presença do familiar-acompanhante durante a punção venosa da criança hospitalizada e; Discutir as percepções da equipe no contexto da humanização em pediatria, com enfoque na criança e sua família. **Método:** Trata-se de uma pesquisa de campo do tipo qualitativa descritiva. **Resultados:** A análise dos dados permitiu a emergência de três unidades de significação: A presença do familiar e sua influência no trabalho da enfermagem; A importância do familiar como suporte para criança e; Reações da família frente à punção venosa. **Conclusão:** enfermagem pediátrica deve repensar a presença dos familiares-acompanhantes durante a punção venosa pediátrica, nos espaços de hospitalização infantil. **Descritores:** Enfermagem pediátrica, Hospitalização, Relações profissional-família, Cateteres de demora.

^{1,3,4} Acadêmicas do 9º período da Faculdade de Enfermagem da Universidade do Estado do Rio de Janeiro/UERJ. E-mails: betapatricio@yahoo.com.br, andrea_enf_uerj@yahoo.com.br, lilis_varg@yahoo.com.br. ² Doutora em Enfermagem/EEAN/UFRJ. Professora Assistente do Departamento de Enfermagem Materno Infantil da Faculdade de Enfermagem da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Tecnologista em Saúde Pública Instituto Fernandes Figueira - FIOCRUZ. Orientadora. Membro do Grupo de Pesquisa Cuidando da Saúde das Pessoas: aspectos filosóficos e bioéticos. E-mail: driefa@terra.com.br. ⁵ Enfermeira. Doutora em Enfermagem. Professora Titular do Departamento de Enfermagem Materno-Infantil da Faculdade de Enfermagem da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Pesquisadora Nível 2 CNPq. Líder do Grupo de Pesquisa: Cuidando da Saúde das Pessoas: aspectos filosóficos e bioéticos. E-mail: benedeusdara@gmail.com.

INTRODUÇÃO

Durante a hospitalização, a criança vivencia sentimentos desfavoráveis para o seu desenvolvimento físico, mental e social: está em um ambiente novo, cercada de pessoas desconhecidas, ruídos estranhos. Segue uma rotina diferente da que possuía em casa e é frequentemente submetida a procedimentos invasivos e dolorosos. A punção venosa é um desses procedimentos, reconhecidamente traumático, porém, rotineiramente realizado por profissionais médicos e de enfermagem, para a realização de tratamentos e exames. É um procedimento indispensável para recém-nascidos e crianças hospitalizadas, pois é mais confortável para administração de infusões venosas em grandes volumes e de determinadas substâncias que apresentam absorção deficiente nesta clientela (HARADA, 2005; HOCKENBERRY, WINKELSTEIN, 2006). A equipe de saúde precisa estar pronta para tentar reduzir os efeitos físicos, emocionais e sociais causados por procedimentos traumáticos advindos da hospitalização (COLLET; OLIVEIRA, 2002). A enfermagem é uma profissão que vem enfatizando características humanas e holísticas (WHALEY; WONG, 1999), embasando seus cuidados ao cliente pediátrico e à sua família. Existem intervenções já descritas em literatura que podem minimizar o desconforto de tal procedimento, como: uso de brinquedos terapêuticos, música, massagem, abraço terapêutico e a presença dos pais. Os pais, ao realizarem o abraço terapêutico promovem a contenção física e emocional à criança, reduzindo o efeito estressor do procedimento. Estas medidas

aliadas a um preparo adequado prévio pode evitar o uso de contenções (HOCKENBERRY, WINKELSTEIN, 2006). Apesar destes conhecimentos prévios, ainda vivenciamos uma prática de enfermagem que não utiliza tais medidas, seja por desconhecimento ou por outras justificativas. Assim, o objeto deste estudo é a percepção da equipe de enfermagem sobre a presença de familiares-acompanhantes durante a punção venosa pediátrica.

Os objetivos: Descrever a percepção da equipe de enfermagem sobre a presença do familiar-acompanhante durante a punção venosa da criança hospitalizada e; Discutir as percepções da equipe no contexto da humanização em pediatria, com enfoque na criança e sua família.

METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa de campo do tipo qualitativa descritiva. O cenário foi uma Unidade de Internação Pediátrica de um Hospital Público Universitário do Estado do Rio de Janeiro. Os sujeitos da pesquisa foram dezessete profissionais de enfermagem dos serviços diurno e noturno, funcionários do referido cenário. Foram excluídos aqueles que não aceitaram participar da pesquisa ou aqueles que estiveram ausentes por licenças e férias no período de coleta de dados. Os aspectos éticos e legais foram respeitados conforme a Resolução 196/96 (BRASIL, 1996). O estudo foi aprovado através do parecer número 0173.0.228.000-09 de 09 de dezembro de 2009 CEP-HUPE. Os dados foram coletados entre os meses de abril a junho de 2010 com a utilização de um formulário contendo perguntas fechadas e

uma pergunta aberta: “Como você percebe a presença de familiares-acompanhantes durante a punção venosa infantil?”. A partir da entrevista gravada, as falas foram analisadas através da análise temática.

RESULTADOS

A análise dos dados permitiu a emergência de três unidades de significação: A presença do familiar e sua influência no trabalho da enfermagem, A importância do familiar como suporte para criança e Reações da família frente à punção venosa. Percebemos que a equipe de enfermagem verbaliza e reconhece a importância dos pais para a criança e seu direito em permanecer durante procedimentos junto ao seu filho. A equipe também entende e expressa reações diferentes dos familiares (“Uns são calmos, outros são mais estressados”). Mediante variadas vivências, a equipe apresenta visões divergentes sobre a presença do familiar durante o procedimento. Para alguns, a presença dos pais atrapalha, pois funcionam como verdadeiros “fiscais” do procedimento, cobrando que “acerte a veia de primeira”. Compreendemos o quanto pressionado sente-se o profissional diante de uma situação como esta, considerada limite das relações humanas. Nestes casos, o profissional de saúde não deve adotar uma postura de superioridade frente ao cliente, pois o enfrentamento destas situações conflituosas requer preparo e controle emocional para que o sofrimento da família e da criança não seja agravado. Outros profissionais apresentaram discursos favoráveis frente à presença dos familiares durante o procedimento (“nos ajuda muito”). Acompanhar a internação de uma

criança, bem como a realização de exames e procedimentos invasivos é uma vivência angustiante e dolorosa para o familiar. É necessário que as equipes consigam ofertar suporte emocional e técnico adequados, a partir de canais de comunicação entre equipe, cliente pediátrico e instituição familiar. Os profissionais de enfermagem e a família devem trabalhar unidos em prol da recuperação da criança. Se a enfermagem se coloca como uma única detentora de saberes e o usuário sem qualquer direito ou conhecimento, cria espaços para o surgimento de conflitos (SOUSA; GOMES; SANTOS, 2009). A equipe de enfermagem deve praticar sua sensibilidade e estratégias de humanização perante a criança hospitalizada e sua família. Não devemos perceber o familiar como um rival na assistência, mas sim como um aliado fundamental para o desenvolvimento e suporte emocional da criança hospitalizada. Compartilhar saberes, poderes e espaços, não é um ato linear e simples; é proveniente da adesão a um discurso. Exige que o profissional repense, modifique seus valores e atitudes pessoais (LIMA; ROCHA; SCOCHI, 1999).

CONCLUSÃO

A enfermagem pediátrica deve repensar a presença dos familiares-acompanhantes durante a punção venosa pediátrica, nos espaços de hospitalização infantis. Precisamos compreender a problemática vivenciada pela família, a fim de que sejam também cuidados pela equipe e percebidos como aliados no processo de cuidar. A punção venosa não pode ser restrita apenas ao momento e à técnica em si, devendo ser compreendida como um processo de cuidado à criança e sua família. Os profissionais de

enfermagem devem aplicar estratégias que possam integrar e informar os familiares-acompanhantes, na vivência hospitalar, reconhecendo a visão destes frente à técnica, além de rever conteúdos teóricos sobre as relações interpessoais. Os achados demonstram distância entre teoria e prática de enfermagem, além de apontar certo desconhecimento da equipe de enfermagem sobre os reais benefícios que uma reação amistosa e humanizada traz para o desenvolvimento emocional da criança hospitalizada frente à dor e situações de crise. Sugerimos a realização de treinamentos sobre estratégias de humanização durante a punção venosa pediátrica e sobre a inserção da família nestes espaços de cuidado.

Rev. Enf. UERJ, Rio de Janeiro, v.17, n.3, p. 349-9, jul/set 2009.

Whaley WD. Enfermagem Pediátrica: elementos essenciais à intervenção efetiva. 5ª ed. Guanabara Koogan: Rio de Janeiro;1999.

Recebido em: 26/08/2010

Aprovado em: 24/11/2010

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. Resolução nº 196 de 10 de outubro de 1996.

Brasília, DF: Ministério da Saúde; 1996.

Collet N, Oliveira BRG. Enfermagem Pediátrica. Goiânia: AB; 2002.

Harada MJCS, Rego RC. Manual de terapia intravenosa em pediatria. São Paulo: ELLU, 2005.

Hockenberry MJ, Winkelstein W. Wong. Fundamentos de enfermagem pediátrica. Rio de Janeiro: Elsevier; 2006.

Lima RAG, Rocha SMM, Scochi CGS. Assistência à criança hospitalizada: reflexões acerca da participação dos pais. Rev. latino-am. enfermagem, Ribeirão Preto, v. 7, n. 2, p. 33-39, abril 1999.

Sousa LD, Gomes GC, Santos CP. Percepções da Equipe de Enfermagem Acerca da Importância da Presença do Familiar/ Acompanhante no Hospital.

R. pesq.: cuid. fundam. online 2010. out/dez. 2(Ed. Supl.):488-491